

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

**MEMÓRIAS DA DITADURA CIVIL-
MILITAR NO BRASIL**



Maio de 1973 – USP - Em uma tarde de sábado de 1973, Gilberto Gil cantou e dialogou com cerca de mil estudantes presentes no Biênio da Escola Politécnica - Foto: Carmen Prado/Livro Cale-se

<https://jornal.usp.br/cultura/de-show-na-usp-a-turne-de-encerramento-todos-os-tempos-de-gilberto-gil/>

KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Coordenação:

Prof.^a Dr.^a. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Programa Unificado de Bolsas de Estudos:

Kleber Henrique de Oliveira Junior

Kayke Vinícius Milhomem Lacerda

Voluntário/as:

Olga Beatriz Steffen Cruz

Thiago de Andrade Nogueira

Gabriel Souza Belém Pimenta dos Santos

Funcionário Administrativo:

Marcos Antonio de Oliveira



Entrevistas:

Coletadas por Olga Beatriz Steffen Cruz



Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD
Departamento de História – FFLCH –USP
2024

LISTA DE DOCUMENTOS

1. PORTELLI, Alessandro. *História Oral como gênero*. Projeto História. São Paulo, (22), jun. 2001, p. 12. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728/7960>
2. Trecho de depoimento de Simone da Luz, à historiadora Olga Cruz, em 28/02/2024.
3. Declarações que presta MANSUR LUTFI - À EQUIPE DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR "C" DAS 00:30 ÀS 03:30 DO DIA 1/2/ junho/ 1971. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: https://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPS_OS02339.pdf
4. Trechos de depoimento de Mara Reifman, Silvana Vieira da Silva e Adail Ubirajara Sobral, à historiadora Olga Cruz, em 28/02/2024.
5. Trechos de depoimento de Márcia Maria Silva Caramico Deny Steffen, à historiadora Olga Cruz, em 28/02/2024.
6. Transcrição da declaração de Maria Luiza Guimarães de Almeida Santaliestra, para a Comissão de Anistia do Estado de São Paulo. Indaiatuba, 09 de Agosto de 2007.
7. Trechos de depoimento de Gelcí Teresinha Quevedo Agne e de depoente que escolheu não se identificar, à historiadora Olga Cruz, em 28/02/2024.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Apresentamos um material didático sustentado em entrevistas realizadas por uma graduanda da História – USP, Olga Cruz, a partir de um formulário enviado por meio digital, para que diferentes pessoas, que vivenciaram o cotidiano no Brasil entre os anos de 1964 e 1985, pudessem relatar suas memórias, especialmente relacionadas ao que a historiografia denomina de Ditadura Civil-Militar, como conceitua o historiador Marcos Napolitano.

No processo de elaboração do material didático, consideramos importante apresentar uma reflexão do papel do pesquisador no processo de coletar testemunho de uma vivência de outra época. Nesse caso, introduzimos um pequeno texto de História Oral, do historiador Alessandro Portelli, destacando a importância daquele que questiona e entrevista, e, assim, suscita recordações pouco revisitadas.

As entrevistas, depois de coletadas, foram lidas e analisadas, com a intenção de identificar questões semelhantes lembradas pelos depoentes. Nesse levantamento, foram identificadas e agrupadas quatro tipos de vivências compartilhadas: os interrogatórios, o medo vivido na época, as torturas inflingidas aos entrevistados ou a seus parentes e os traumas que ficaram ao longo do tempo.

A partir dessas questões comuns entre os entrevistados, foram escolhidos trechos mais significativos que pudessem ser analisados como documentos em contexto escolar. Iniciamos com o tema das lembranças dos interrogatórios impostos pelos órgãos de repressão do governo brasileiro. Incluímos algumas memórias que recordam estas circunstâncias e um documento oficial da época, que está disponível no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo, no acervo do DOI-CODI. A intenção de incluir para análise essa fonte oficial foi chamar atenção para o registro do contexto histórico, o formato da transcrição oficial do governo, envolvendo pessoas comuns, realizado por um órgão repressor na década de 1970, possibilitando diferenciar uma memória e um texto de situação opressiva, denominado por eles de declaração ou depoimento.

Outro tema frequente nas memórias dos depoentes é o medo que sentiam no cotidiano ao longo período do governo autoritário. Foram escolhidas quatro memórias que exemplificam diferentes situações vividas pela população. E a proposta didática é solicitar que o estudante identifique as razões das apreensões, temores, receios, inseguranças, incertezas, fragilidades e preocupações e o contexto histórico no qual esses sentimentos foram vivenciados.

Outra recordação comum da época da ditadura é a tortura. Nesse caso, apresentamos dois tipos de documentos, sendo um deles um relato de memória e o outro uma declaração para a Comissão de Anistia do Estado de São Paulo, datada de 2007, relatando os sofrimentos vividos pelas torturas psicológicas e físicas no interior do DOI-CODI.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

O último tema escolhido é o trauma, um efeito posterior de sentimentos negativos vividos no passado, que afetam as vivências das pessoas no tempo presente. Foram escolhidos para análise três memórias traumáticas de quem viveu e sofreu no contexto da ditadura civil-militar.

A organização desse material didático procurou valorizar diferentes fontes históricas. Nesse sentido, optamos por trabalhar com memórias que narram uma realidade vivida, que afetava física e psicologicamente as pessoas, as famílias e a sociedade brasileira, em âmbito pessoal, cotidiano e social.

Uma leitura atenta a esse kit didático possibilita apreender a metodologia utilizada para coletar documentos e com eles organizar material didático. Isso também favorece a criação de situações didáticas envolvendo os estudantes em pesquisas, seleção de fontes e análises documentais, que criam novas experiências nos estudos históricos.

Esse kit didático está sendo apresentado também em um outro formato que facilita a organização de situações didáticas em sala de aula. Ele inclui o mesmo material, junto com sugestões de objetivos e procedimentos. Ver no site do LEMAD: Aulas Kits.

Os depoimentos contidos neste kit didático foram obtidos, na grande maioria, a partir de um questionário de google forms enviado a uma comunidade de tradutores no Facebook nos primeiros meses em 2024. Estes tradutores são conhecidos e amigos da família da pessoa que criou o questionário. Para além destes depoimentos obtidos no grupo do Facebook, outros depoimentos foram obtidos de parentes de membros do LEMAD-USP, usando o mesmo questionário ou através de mensagens de voz no aplicativo Whatsapp.

PROPOSTA DIDÁTICA

DOCUMENTO 1

1. Leia o texto. Ele foi escrito pelo historiador por Alessandro Portelli.
 - a) O texto trata de qual fonte documental?
 - b) Identifique e nomeie, a partir do texto, os dois personagens que interagem e participam da narrativa. Quem são eles?
 - c) As memórias narradas espontaneamente são diferentes das narradas com a presença de um entrevistador-historiador? Se sim, explique a diferença.
 - d) Os historiadores podem contribuir com o estudo de acontecimentos da história a partir de entrevistas com pessoas que lembram suas vivências? Como?

DOCUMENTO 2

2. Leia o texto transcrito da narrativa da memória de Simone da Luz e responda:
 - a) Qual contexto histórico foi solicitado que a entrevistada recordasse?
 - b) Analisando o texto, você pode afirmar que lembrar é só recordar o que você viveu ou agrega também experiências de outras pessoas?
 - c) Como a situação de ser entrevistada ajuda a recompor as memórias para serem narradas?
 - d) A entrevistada conta que a mãe dela foi levada para ser interrogada no DOPS. O que você sabe sobre o DOPS?
 - e) O que a entrevistada lembra dos motivos pelos quais sua mãe foi levada para ser interrogada?
 - f) O que lembra a respeito do que aconteceu com ela e com a secretária da escola durante o interrogatório?
 - g) A entrevistada lembra de um segundo acontecimento vivido pela família durante a ditadura militar. Qual foi este segundo acontecimento?
 - h) Qual a relação entre esses dois acontecimentos lembrados?
 - i) Qual a sua interpretação para os acontecimentos que foram recordados pela entrevistada?
 - j) As recordações de experiências e vivências podem contribuir para a escrita da história de uma época?
 - k) Você tem alguma história de sua experiência/vida ou de alguém que conhece envolvendo a ditadura no Brasil? Qual?

PROPOSTA DIDÁTICA

DOCUMENTO 3

3. Leia o título do **Documento 3** e responda:
 - a) O que ele informa a respeito do que ele trata?
 - b) O que é uma declaração?
 - c) O que é um interrogatório?
 - d) Quem foi interrogado?
 - e) Quando aconteceu o interrogatório? E em qual horário?
 - f) A data e o horário indicam algum contexto histórico específico?
4. Após a leitura do **Documento 3**, avalie se a pessoa interrogada vivenciou situação semelhante à memória descrita no **Documento 2**.
5. Avalie quem escreveu o texto da declaração. Foi o interrogado?
6. Há alguma semelhança entre as pessoas interrogadas pela repressão da ditadura militar, identificadas no **Documentos 1, 2 e 3**?
7. A partir das respostas registradas no interrogatório, é possível deduzir o teor das perguntas que estavam sendo feitas ao interrogado?
8. Levando em conta o contexto do que foi respondido no **Documento 2** e registrado no **Documento 3**, qual é a principal diferença entre o tipo de perguntas que foram feitas para os dois depoentes?
9. Avalie se há semelhanças do contexto histórico entre a lembrança da depoente do **Documento 2** e o interrogatório do **Documento 3**. E se sim, quais as semelhanças?
10. Considere que a declaração do **Documento 3** foi prestada no DOI-CODI do II Exército. O Departamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) - foi uma agência de repressão política subordinada ao Exército que atuou durante a Ditadura Militar. A partir dessas informações, é possível inferir a motivação dos militares ao interrogarem Mansur Lutfi? Explique.
11. Avalie se os **Documentos 2 e 3** são complementares para descrever alguns dos acontecimentos que ocorreram durante a Ditadura Militar no Brasil.

DOCUMENTO 4

17. Leia os relatos dos depoimentos do Documento 4.
 - a) O que os quatro relatos têm em comum?
 - b) Qual sentimento mais transparece?

PROPOSTA DIDÁTICA

24. O entrevistado do **Depoimento 3** relacionou a repressão ao regime político da ditadura. Conceitue, então, o que significa um regime de ditadura?
25. No mesmo relato, é descrito que o entrevistado só descobriu a existência da ditadura aos 17 anos de idade. Explique, de acordo com as informações contidas no depoimento, o porquê dessa afirmação.
26. Como a falta de conhecimento sobre o que estava acontecendo pode afetar a forma como as pessoas preservam e compreendem o período da ditadura em suas memórias?
27. Como a ditadura influenciou o cotidiano destas pessoas?

DOCUMENTO 5

28. Considerando o contexto histórico a que a depoente Márcia se refere, explique por que ela inicia seu relato afirmando que Hilton não tinha atuação política.
29. Por que a morte de Hilson por problemas renais é descrita como uma situação inusitada?
30. Como a depoente deduz as razões para os pais dela não a terem levado para o Rio reconhecer o corpo do tio Wilton?
31. Levando em consideração a frase que encerra o relato: “Então dá para imaginar o que aconteceu, né?”, o que você imagina que aconteceu?
32. Você amplia o conceito de ditadura depois de ter lido este depoimento?

DOCUMENTO 6

33. Leia o documento 6. Ele é a transcrição de uma declaração apresentada à Comissão de Anistia do Estado de São Paulo, que apurava os atos cometidos pela ditadura civil-militar.
 - a) O que você sabe sobre a Comissão da Anistia?
 - b) Quem deu essa declaração?
33. Qual a diferença entre este depoimento e os relatos das entrevistas?
34. Você acha que a tortura era necessária para manter a ditadura?
35. A tortura/apreensão só acontecia para quem atuava contra o regime político?
36. Quais as consequências da tortura para quem era presa e torturada?
37. A partir do trecho “Já no DOI-CODI sofremos torturas psicológicas e físicas”, como você diferenciaria as torturas físicas das psicológicas?

DOCUMENTO 7

38. De que forma a experiência de prisão durante a Ditadura Militar desencadeou mudanças na história da família mencionada no **Depoimento Doc.7-1**?
39. Atualmente vivemos em um Estado de Direito, em que o governo deve, constitucionalmente, respeitar a integridade das pessoas e de suas famílias. Como esse Estado se diferencia daquele abordado pelo **Depoimento Doc.7-1**?
40. No **Depoimento Doc.7-2**, a depoente declara que durante a ditadura militar a democracia foi suprimida. O que significa isso?

PROPOSTA DIDÁTICA

41. Com o fim da ditadura, a sociedade brasileira tem passado por um processo de democratização. Contudo, a depoente **Doc.7-2** afirma que existe uma permanência no que diz respeito à violência policial. A partir de uma avaliação da sociedade atual, identifique elementos que sustentem a posição da depoente em relação à violência contemporânea praticada pelo Estado.
42. Relacione os dois primeiros relatos e tente explicar por que o depoente do **Depoimento Doc.7-3** declara que, até os dias de hoje, ele não confia nos militares.
43. O que você entende a partir da ideia de trauma na história de vida das pessoas? Você acredita que a experiência dos depoentes foram situações traumáticas?
44. Você acredita que é possível afirmar que a sociedade brasileira como um todo ficou traumatizada pelo processo de repressão, ocorrido na Ditadura Militar?
45. Um trauma social é, por excelência, uma ferida coletiva. A partir disso, é possível pensar em estratégias que tenham como objetivo construir algum tipo de reflexão coletiva? Qual é o papel dos relatos e da memória nesse processo?
46. Segundo o historiador Dominick LaCapra, a superação de traumas que marcaram uma sociedade passa pela perlaboração, ou seja, por um processo de compreensão e interpretação do próprio sofrimento histórico. A partir desse conceito, você acha que a sociedade brasileira e o atual Estado Democrático de Direito lidam de forma adequada com as permanências e com a construção da memória e da consciência coletiva sobre o período ditatorial militar?



DOCUMENTO 1

“... mesmo que as histórias tenham sido contadas antes, elas nunca foram contadas para aquele ouvinte e questionador especial que é o entrevistador da história oral. A entrevista, implicitamente, realça a autoridade e a autoconsciência do narrador e pode levantar questões sobre aspectos da experiência do relator a respeito dos quais ele nunca falou ou pensou seriamente”.

Alessandro Portelli. História Oral como gênero. Projeto História. São Paulo, (22), jun. 2001, p. 12.

DOCUMENTO 2

Fevereiro 28, 2024 - O entrevistador perguntou:

Descreva um episódio específico de sua experiência/vida durante a ditadura no Brasil - 1964 – 1985 - (qualquer coisa e se possível, inclua datas e localizações)

A entrevistada Simone da Luz respondeu:

O DOPS levou minha mãe para ser interrogada. Eu só soube bem depois porque eu era bem pequena e tudo o que me diziam era que a mamãe teve que sair para resolver uns problemas, mas voltaria logo. Mas, eu podia ver na preocupação do meu pai e no fato dos seus irmãos estarem todos na minha casa, que era alguma coisa grave. Depois já crescida, eu soube do relato que ela tinha sido levada enquanto trabalhava, junto com a secretária da coordenação da escola primária, onde ela era coordenadora pedagógica. Fizeram muitas perguntas sobre o conteúdo do ensino na escola, acusaram muitas matérias de subversivas, disseram que deveriam ser mudadas. Não a trataram bem, gritaram com ela, ficavam tentando encontrar contradições no que dizia, mas apesar do medo, minha mãe se saiu bem. Sua secretária, por outro lado, foi espancada. Não sabemos o motivo, acreditamos que seria puro racismo pois era negra. Outro episódio foi em uma festa Junina da família. A família era grande e nos reuníamos na casa da minha tia, a irmã mais nova da minha mãe, e um rapaz da família do marido dela, meu primo emprestado, chegou na festa ensanguentado de um protesto da faculdade. A polícia bateu nos estudantes. Ele conseguiu escapar, mas muitos de seus amigos haviam sido presos.

DOCUMENTO 3



Declarações que presta MANSUR LUTFI - À EQUIPE DE INTERROGATÓRIO PRELIMINAR "C" DAS 00:30 ÀS 03:30 DO DIA 1/2 junho/ 1971

Declara que, como professor procura entender a situação de seus alunos para melhor poder transmitir a matéria que leciona (Química), para isso procura reunir seus alunos no intervalo das aulas onde cada qual expõe seus problemas pessoais; que com este pensamento procura conhecer os problemas de cada um e aconselhá-los sobre o que devem ou não fazer; que não pertence a nenhuma organização de esquerda; que não forma ação ideológica nenhuma; que no caso havido no Pico do Jaraguá apenas não quis se submeter à revista devido o adiantamento da hora e acha vexatória tal revista; que não portava nada que não pudesse ser visto por quem quer que seja; que de fato preveniu MARIA VALÉRIA DE MOURA para não discutir assuntos políticos dentro do colégio porque suspeitava que MILTON e RODNEY, alunos do colégio, seriam policiais infiltrados; que a série de conselhos que deu a MARIA VALÉRIA CESÁRIO MOURA LEAL quanto ao local de trabalho da mesma foi em razão de tê-la achado deslocada psicologicamente e não formar ambiente a seu redor; que colocou de maneira ampla os vários regimes políticos sociais sob o aspecto econômico; que não conhece atualmente nenhum elemento da A.P. (Ação Popular), que em 1967 conheceu alguns centros acadêmicos onde predominavam tais elementos mas, nunca procurou entrosar-se com eles.

Termo de declaração prestado por MANSUR LUTFI. IN: Dossiê: Depoimento do DOI-CODI de 1971. Resumo de Declarações do DOI-CODI II Exército. Dependência Arquivo e Fichário da Ordem Social. Documentos da Secretaria de Segurança Pública, Coordenação de Informações e Operações e Seção de Informações.

DOCUMENTO 4

Depoimento Doc.4-1:

“Morávamos no 5º andar de fundos num prédio de classe média na Zona Sul do Rio. No 4o andar, de frente, morava um senhor que era general. Devia ser entre 1963 e 1969. Eu pensava que não podia falar alto sobre política porque senão ele vinha prender meus pais.” (Mara Reifman)

Depoimento Doc.4-2:

“Quando me lembro desse período, é como se as pessoas só tivessem direito de sussurrar, e não de falar. A atmosfera era de um medo normalizado.” (Silvana Vieira da Silva)

Depoimento Doc.4-3:

“Foi um absurdo tantos anos de repressão. Passei 20 anos sob a ditadura (dos 10 aos 30 anos, mas só aos 17 soube que ela existia). Impressionante como grande parte da população foi mantida sem saber de nada. Censura da mídia, dos jornais etc. Medo do vizinho, porque uma denúncia anônima poderia ser a morte. A gente se policiava, inclusive na universidade, porque havia infiltrados do exército em reuniões. Enfim, um horror. (Adail Ubirajara Sobral)

Depoimento Doc.4-4:

Eu era criança, mas lembro do medo que tinha de meu pai ser preso. Ele trabalhava no administrativo da UFGRS. Lembro de ter medo da polícia e de ter a impressão de que estávamos sempre sendo observados. Uma vez, eu vinha da casa do meu tio sozinha (ficava a poucas casas) e passei um pouquinho do portão. Enquanto eu tentava me localizar, avistei dois policiais se aproximando (naquela época, eram conhecidos por "Pedro e Paulo", aqui no RS, pois andavam sempre em dupla). Eu era pequena, 5 ou 6 anos, mas lembro bem da sensação de pavor e medo da polícia. Gritei tanto que minha mãe ouviu meus gritos e veio até mim. (Rosana Silveira Martins)

DOCUMENTO 5

“Hilton não tinha nenhuma participação política. Ele trabalhava na DERSA. E ele era o irmão da mamãe, e nessa época eu já estava esperando a Michelle (1976). E ele era muito meu amigo. (...) E do nada vovó recebeu um telefonema dizendo que Hilton tinha falecido com problema renal. Foi uma coisa assim, completamente inusitada. Ele tinha saído para trabalhar, não voltou naquele dia. No dia seguinte ele estava morto com problemas renais. O tio Hélio, que era veterinário, e o papai, foram para o Rio de Janeiro. Papai foi rapidamente para o Rio de Janeiro. Ele e a mamãe não quiseram me levar, e eu imagino que não me levaram por que, né? Hilton não tinha um osso inteiro. Então dá para imaginar o que aconteceu, né? (...) É lógico que não deixaram vovó olhar, né?” - (Márcia Maria Silva Caramico Deny Steffen)

DOCUMENTO 6

Transcrição da declaração para a Comissão de Anistia do Estado de São Paulo

Declaração

(...) Éramos militantes da Ação Popular.

No dia 25 (vinte e cinco) de outubro de 1973, na parte da tarde, meu marido, eu e nossos filhos fomos fazer compras no mercado e quando chegamos em nossa casa e entramos, caímos nas mãos dos homens da temida Operação Bandeirantes. Calaram meu filho que estava em meu colo e o entregaram para meu sogro junto com nossa menina e nos arrastaram para as viaturas (veraneios) que estavam a certa distância da casa. Meu marido foi numa viatura e eu noutra. Fomos levados encapuzados, algemados e já levando tapas e sofrendo ameaças. Fomos para o DOI-CODI.

Nos últimos dias antes de sermos presos já sabíamos que muitos e muitos militantes e simpatizantes estavam nas mãos da repressão, mas não sabíamos quem. E nem tampouco sabíamos que já tinham falado sobre nós.

Naquele dia fomos presos e em nossa casa permaneceram agentes da DOI-CODI por mais 04 (quatro) dias à espera não sabemos de que, aterrorizando nossa família. Fazendo ameaças. Nosso menino ainda mamava no peito e ficou bastante doente [e] traumatizado com a separação repentina.

Já no DOI-CODI sofremos torturas psicológicas e físicas. Nossa prisão e paradeiro só foi comunicado à nossa família cerca de 15 (quinze dias depois). Sofri muitas ameaças sobre meus filhos: que iam tirá-los de nós, que íamos perder a guarda deles, que iam ser levados para orfanatos e colocados para adoção etc. Isso me aterrorizava. Ameaçavam matar meu marido se eu não dissesse o que queriam saber como nomes de quadros de direção, codinomes, endereços etc.

Na primeira noite, que foi a mais longa e horrível me despiram, e nua e encapuzada levei muitos tapas, levei socos no rosto que quebraram 03 (três) dentes. Levei choques e muitos me xingaram, falavam coisas horríveis que iam fazer comigo e com meu marido se não fossemos bonzinhos. O barulho era assustador: gritos, xingamentos, berros, portas e grades sendo batidas. Durante todas as noites era assim. Impossível dormir, pois a qualquer momento e sempre a cela se abria para atirarem lá dentro alguém já arrebitado ou catar alguém e levar novamente para ser torturado e interrogado.

Durante muito tempo os gritos dos torturadores e dos torturados rasgaram nosso sono.

Fomos soltos, meu marido e eu, depois de mais de mês, desesperados com as dificuldades que a família estava passando e tivemos que conviver com perseguições e ameaças durante bom tempo. Muitas vezes reconhecíamos as viaturas do DOI-CODI nos vigiando para nos assustar.

(...)

Tudo que aqui foi dito é verdadeiro e por isto, dato e assino.

Indaiatuba, 09 de Agosto de 2007

Maria Luiza Guimarães de Almeida Santaliestra

Vocabulário:

DOI-CODI - Departamento de Operações de Informação do
Centro de Operações de Defesa Interna

DOCUMENTO 7

Depoimento Doc.7-1:

"Por 60 dias, papai ficou preso (...) Papai voltou, outro homem... Sequelado, doente, logo perdeu o emprego enquanto éramos apontados pelas crianças vizinhas como os filhos do presidiário comunista! Meu irmão acabou abandonando a escola, enquanto isso mamãe costurando e lavando roupa para fora, teve que se virar para dar conta da nossa sobrevivência... papai aposentado por invalidez, precisou se reinventar e aprender outra profissão, trabalhando na construção civil, para sobreviver. Sobrevivemos! Eu ainda hoje faço psicoterapia em busca da superação dos traumas, seguidos de depressão e outras doenças psicossomáticas." (Gelcí Teresinha Quevedo Agne)

Depoimento Doc.7-2:

"O período da ditadura militar, além de suprimir a democracia, deixou um rastro de violência policial que perdura até hoje." (Maria Cristina Capistrano)

Depoimento Doc.7-3:

"Não. Os militares ainda não são confiáveis. Não quero meu nome aparecendo em nada. Consegui evitar isto em plena ditadura, por que faria diferente agora?" (Não identificado)